



O AUTISMO E A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tarcila Marcelle Virtuozo de Lima¹

Hosana Vieira da Silva Brito²

Categoria: Relato de experiência

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Práticas pedagógicas com alunos público-alvo da educação especial

RESUMO: O presente trabalho constitui-se em um relato de experiência das vivências ocorridas em um estágio não obrigatório na educação infantil, tendo como objetivo relatar o processo de inclusão escolar de um estudante com transtorno do espectro autista na educação infantil, matriculado em uma escola particular na cidade de Marabá/Pará, destacando as estruturas pedagógicas de ensino utilizadas no cotidiano escolar com o intuito de inclusão, e respectivamente a socialização entre ele com as crianças típicas da turma. Os recursos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho foram através de uma pesquisa de cunho qualitativo desenvolvida na instituição estudada, observação participante em sala de aula e pesquisa bibliográfica em livros, onde se obteve como resultado um alcance inclusivo significativo em relação ao cognitivo e social da criança, como por exemplo a percepção visual e a identificação de cores. Este trabalho teve como base referencial BOSA, C.A. & GOLDBERG, K (2007), STAINBACK; STAINBACK, (1999) e CUNHA (2015).

Palavras-chave: Educação Infantil. Inclusão. Autismo.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia (FACED/ICH/Unifesspa). E-mail: tarciunifesspa@gmail.com

² Graduada em pedagogia (U. V. A) pós-graduada em psicopedagogia (FAEME) email: hhoossaannaa@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O cenário atual da educação especial, tem sido palco para diversos debates sociais e educacionais, principalmente quando se trata do TEA (Transtorno do Espectro Autista), que ainda é desconhecido e alvo de muitos estudos, tendo em vista uma melhor compreensão do mesmo e uma inclusão eficaz, livre dos empecilhos que tanto cercam esse processo dessa escolarização.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é conhecido como um transtorno que afeta a interação social, comunicação, e compreensão cognitiva. Quando o profissional da educação foca em romper as barreiras intituladas por essa síndrome, ele encontra-se em uma aprendizagem contínua, permitindo-se a ensinar e aprender com quem ele ensina e ir de contra o que é imposto pela sociedade, assim Bosa e Baptista (2002, p.12) afirmam que “Compreender o autismo exige uma constante aprendizagem, uma (re) visão contínua sobre nossas crenças, valores e conhecimentos sobre o mundo e, sobretudo, sobre nós mesmos”.

E também quando BOSA e BAPTISTA (2002, p.14) novamente afirmam que “A evolução de uma *pedagogia das diferenças* embasa-se em um saber que transcende os limites do conhecimento pedagógico, integrando aspectos de um profundo questionamento humano”.

Falar de inclusão escolar é importante, uma vez que a demanda de alunos com algum tipo de deficiência, tem aumentado a cada ano nas escolas, logo estas precisam se adaptar às necessidades de cada um, suas carências, estereótipos e afins. Levando em consideração que o ambiente escolar, mais precisamente na educação infantil, é o primeiro lugar em que o sujeito frequenta sem a presença/acompanhamento dos pais, ou familiares, a inclusão precisa acontecer de forma eficaz, preparando o sujeito não só para as finalidades escolares, como também para a sociedade e a vida como um todo. Sendo assim, a inclusão se dá colocando o aluno autista dentro da sala de aula com pessoas consideradas

normais, uma vez que a educação precisa acontecer de forma igualitária a todos, mesmo que de maneira adaptada para alguns, de acordo com suas necessidades.

Educando todos os alunos juntos, as pessoas com deficiências têm oportunidades de preparar-se para a vida na comunidade, os professores melhoram suas habilidades profissionais e a sociedade toma a decisão consciente de funcionar de acordo com o valor social da igualdade para todas as pessoas, com os consequentes resultados de melhoria da paz social. (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

É importante enfatizar que incluir não é apenas colocar o aluno autista no meio dos outros, é de total importância além disso, fazer um planejamento de rotina com a família do mesmo, uma vez que a inclusão só acontece se a professora da sala de aula comum estiver em comum acordo com a coordenação e com a professora da sala de recursos, visando sempre gerar os mesmos estímulos no aluno, sendo estes positivos, através da ousadia e a criatividade das professoras, sendo necessáriomuitas vezes, sair da sua zona de conforto.

Esta ação requer esforço específico, individualizado, planejado e com perfeita sintonia com a família, o que pressupõe profissionais preparados, atualizados e sintonizados com a relação ao aprimoramento das suas habilidades e das novas pesquisas sobre a síndrome. Educadores que não se acomodem, mas investiguem, pesquisem e se lancem a desafios. (CUNHA, 2015)

OBJETIVO

Este trabalho objetiva relatar de que maneira é feita a inclusão escolar de um aluno com autismo na educação infantil, visando as metodologias pedagógicas cotidianas utilizadas pelas profissionais da educação na escola Alvarez da Cruz (nome fictício para preservar a identidade da instituição) e o processo de socialização entre as crianças da mesma turma.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O relato aqui descrito se tornou possível através de pesquisa de cunho qualitativo realizada envolvendo um aluno com autismo e as metodologias inclusivas educacionais utilizadas pelas professoras da sala comum e da sala de recursos multifuncionais em uma instituição de ensino de rede privada em Marabá/PA, observação participante em sala de aula e pesquisa bibliográfica em livros, possibilitando assim, um aprofundamento mais proveitoso em relação ao tema do trabalho. Segundo Correia (2009, p. 34):

Observação Participante é o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo de pesquisa, quando inicia negociações para conseguir acesso a este e se continua numa visita prévia, com o reconhecimento do espaço ou campo de observação e a interação com indivíduos envolvidos.

Por conta disso, entre o primeiro e segundo semestre do ano de 2018, mais precisamente entre Junho a Setembro, realizou-se observações através de uma experiência como estagiária na sala do Maternal III em uma escola particular de Marabá no estado do Pará. Essa sala que contém 24 alunos ao todo, recebe crianças de 3 a 4 anos, com a finalidade de fazê-las terem uma primeira interação social convivendo umas com as outras durante quatro horas por dia. Segundo o regimento da instituição, a proposta pedagógica da escola foca em algumas competências, sendo estas as que Marcelo (nome fictício para preservar a identidade do aluno) já consegue fazer ou está em desenvolvimento positivo:

- Adquirir hábitos sociais: esperar e pedir a vez, fazer o uso do banheiro adequadamente, aprender a organizar-se na hora do lanche, respeitar os colegas.
- Participar de situações que envolvam a relação com o outro.
- Realizar pequenas ações cotidianas ao seu alcance, revelando maior independência.
- Reconhecer o próprio corpo e as diferentes sensações e ritmos que ele produz.
- Apontar, nomear e identificar partes do corpo.
- Reconhecer as letras do alfabeto, a partir do próprio nome.
- Reconhecer as cores primárias e nomeá-las.
- Deslocar-se com destreza progressivamente no espaço ao andar, correr, pular, desenvolvendo atitudes motoras.

O aluno o qual se pretende falar a respeito, tem 4 anos, ainda não desenvolveu a fala e emite alguns balbucios. A criança teve facilidade para se separar dos pais, se adaptou com tranquilidade ao ambiente escolar, integra-se com colegas e professora, explora com segurança o espaço físico da escola.

Participa das atividades com estímulo, se concentra através de estímulos provocados pelas professoras e cuidadora.

Todos os dias ao chegar, Marcelo deixa sua mochila onde na parede consta uma foto sua colada, um artifício que as professoras utilizaram para ele identificar o lugar de colocar a sua mochila na sala de aula. Depois disso, ele senta -se no tapete onde a professora organiza a roda de socialização, antes de acontecer a mesma e tira os seus sapatos juntamente com as suas meias, coloca-as dentro de seus respectivos pares, levanta, pega os sapatos e os coloca em um canto da sala de aula. Após este feito, ele corre de um lado para o outro da sala de aula bastante sorridente e deita no tapete. A professora da sala comum, sempre tenta fazê-lo socializar com o demais o colocando na mesa com os outros para brincar de massinha e com brinquedos de montar. Ele parece gostar bastante, principalmente dos brinquedos de encaixe, os quais estimulam uma boa percepção visual que este já tem, contudo, Marcelo se concentra por pouco tempo em qualquer atividade que lhe é proposta. Ele prefere sempre a sua própria companhia. Sobre isso, Cunha diz:

Retrair-se e isolar -se das outras pessoas, não manter contato visual, resistir ao contato físico, resistência ao aprendizado, não demonstra medo diante do perigo real, não atende ao chamado, birras, não aceita mudança de rotina, usar pessoas para pegar objetos, hiperatividade física, agitação desordenada, calma excessiva, apego e manuseio não apropriado de objetos, movimentos circulares no corpo, sensibilidade a barulhos, estereotípias e ecolalias. (CUNHA, 2015).

Quando a turma diariamente retorna do parque, é a hora do lanche, onde as crianças lancham juntas com o auxílio da professora e estagiária. Marcelo

recebe o auxílio de uma estagiária exclusiva, para sempre estar executando o que lhe é proposto com êxito.

No momento do lanche, Marcelo permanece sentado se alimentando sem inquietações. Quando termina, pega um caderno de desenho que contém a capa de um desenho animado que fica em cima armário e vai deitar no tapete, depois disso é a hora da historinha no tapete, onde todas as crianças ficam livres para ficar à vontade, estando sentadas ou deitadas. Marcelo, sempre prefere ficar deitado.

Em seguida é a hora de fazer atividade, esse é o momento mais complexo da rotina, pois para sentar na mesa, ele costuma fazer birras. Entretanto isso tem sido estimulado com êxito pela professora e cuidadora com o uso de PEC's (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras) do Inglês, Picture Exchange Communication System, que é um conjunto de figuras que indicam determinadas ações para a comunicação exclusiva para indivíduos com transtorno do espectro do autismo e doenças do desenvolvimento relacionadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A base que é trabalhada a priori com Marcelo, é a percepção visual, cores, identificação das letras do seu nome e estímulos verbais. Diariamente, o aluno é incluído socialmente e cognitivamente, através das PEC's e a técnica de Prompt. Segundo a fonoaudióloga Elisabete Giusti:

A sigla PROMPT significa "Prompts for Restructuring Oral Muscular Phonetic Targets" (prompts para a organização dos pontos fonéticos oro musculares) . Crianças com Apraxia de Fala não sabem como planejar os movimentos dos articuladores (língua, lábios, mandíbula, etc) para falar, e essa abordagem, por meio de estímulos específicos, a ajudam a "construir" esse caminho. PROMPT é uma abordagem multidimensional

indicada para os distúrbios de produção da fala, que abrange não apenas os aspectos físico-sensoriais do controle motor da fala, mas também os aspectos cognitivo-linguísticos e sócio-emocionais. Não é apenas uma técnica de tratamento para ensinar os sons da fala, a abordagem Prompt envolve muitos aspectos.

Na hora da roda de socialização cotidiana, as crianças são despertadas a identificar seus nomes através da primeira letra do nome que está pintada de vermelho em fichas individuais confeccionadas pela professora com papel cartão amarelo, instigando assim o reconhecimento da primeira letra do nome de cada um. O aluno Marcelo, ainda não consegue identificar a primeira letra de seu nome, contudo, isso é trabalhado de forma lúdica e cotidiana com ele, através do uso de massinha de modelar por cima da letra “M” em papel contact, tracejados que ele é estimulado a cobrir e associar letras coloridas embaralhadas coladas a pregadores de madeira com as letras do seu primeiro nome escrito em uma ficha.

Ao mesmo tempo que é ensinado as letras do seu nome, Marcelo também é estimulado a conhecer as cores, à priori, as cores do semáforo, intercalando-as na primeira letra de seu nome e relacionando objetos com as cores propostas, onde é utilizada a técnica de Prompt Posicional, onde a criança tem objetos por perto e quando a professora diz “cadê o vermelho?” ele prontamente pega o objeto vermelho e é lhe dado um reforço, um brinquedo do seu agrado.

Marcelo aos poucos, está aprendendo a identificar as partes do seu corpo, através de brincadeiras com fantoches e quando é levado em frente ao espelho que a sala de aula possui, a professora primeiro aplica a técnica de Prompt Físico, onde lhe pergunta “cadê a cabeça do Marcelo?” e ajuda o a colocar a mão dele na própria cabeça, mostrando onde é cabeça, os olhos, as orelhas, as mãos, os pés e etc. Desta forma, quando se é perguntado novamente, o aluno já aponta as partes do seu corpo com independência, como a cabeça, mãos e pés.

Uma vez ao mês, é proposto às crianças da sala de aula, fazerem um autorretrato, Marcelo ainda não possui independência para tal atividade, tendo isso em vista, a cuidadora utiliza de métodos de contorno de objetos como círculo e quadrado e assim o estudante executa a atividade com êxito, desenhando a cabeça

e o corpo e depois a cuidadora o estimula a perceber o que está faltando como olhos, boca, nariz, braços e pernas.



Desenho representando a figura humana pelo aluno.
Fonte: Tarcila Virtuozo.

O estímulo verbal se dá de diversas formas, mas ele ainda não desenvolveu a fala de maneira muito significativa, na escola ele fala apenas a palavra “cama”. Quando a cuidadora usa o Prompt Verbal com ele estimulando a fala da palavra “cama”, as vezes ele reage bem falando, todavia há vezes em que ele fala e reage com agressão e choro.

Quando Marcelo senta para fazer atividade, ele não consegue se concentrar nela por muito tempo e rápido dispersa, levanta e corre. A cuidadora vai até ele em um novo processo de estimulação pegando o caderno de desenho que ele gosta, até ele sentar novamente e isso acontece todos os dias, quantas vezes forem necessárias. O aluno costuma resistir às atividades com o uso do giz de cera, têm preferência por tinta, então a maioria das atividades que a professora passa em sala, a cuidadora adapta para ele executá-la com tinta, desta forma, ele sempre executa todas as atividades em sala de aula de forma gloriosa.



Atividade executada com tinta pelo aluno.
Fonte: Tarcila Virtuozo.

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui seus alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens de nossos valores e sentimentos. (MANTOAN, 2003, p. 12)

O uso de PEC's também é presente na sala de recursos da instituição escolar, onde Marcelo é atendido pela professora duas vezes por semana durante quarenta e cinco minutos no seu turno, que é o matutino. Na sala de recursos ele também é estimulado por Prompt, tendo como reforço a mesa de PlayTable, onde ele joga um jogo que também é possível trabalhar as cores. Executa diversas atividades de encaixe, principalmente da letra "M" em material emborrachado, atividades de perfuração do isopor em pontos específicos formando o contorno da letra "M", atividades de colagem também no contorno da letra "M", tudo isso de maneira interdisciplinar com as cores do semáforo.



PEC's utilizadas no cotidiano escolar para intermediar nas atividades do aluno. Fonte: Tarcila Virtuozo

Também é importante enfatizar que a tarefa de casa de Marcelo, é adaptada para o seu desempenho, sendo diminuído o comando da questão, entretanto sem perder o sentido do que lhe é proposto.



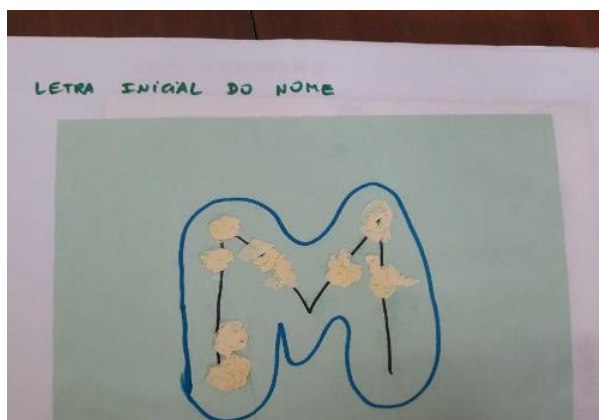
Tarefas para casa adaptadas e executadas pelo aluno dentro de suas possibilidades, e alcançando o objetivo proposto. Fonte: Tarcila Virtuozo.



Massinha de modelar por cima da primeira letra do seu nome em papel contact Fonte: Tarcila Virtuozo



Brinquedos utilizados na sala de aula regular para estimular a percepção visual do aluno. Fonte: Tarcila Virtuozo



Colagem feita pelo aluno com bolinhas de papel no formato da letra M.
Fonte: Tarcila Virtuozo

Rodrigues afirma que:

A criança autista exprime melhor a percepção visual do que a percepção auditiva durante as estimulações, responde a ela positivamente quando estimulada em ambientes organizados, ou seja, o funcionamento comportamental adaptativo do autista é consideravelmente melhor em condições estruturadas. (2010, p. 80)



PlayTable contendo vários jogos educativos. Ela é utilizada como forma de recompensa para o aluno quando ele termina de fazer todas as atividades propostas na sala de recursos. A cuidadora fica ao lado sempre estimulando as cores, que no caso, é vermelho e verde. Fonte: Tarcila Virtuozo

Na sala de recursos também há materiais acolchoados, com o intuito de proporcionar relaxamento quando o aluno está alterado ou muito agitado fazendo birras.



Local onde o aluno recebe massagens da professora da sala de recursos quando está em crise ou muito inquieto, se recusando assim de fazer as atividades ou responder aos estímulos.
Fonte: Tarcila Virtuozo

No início da observação, Marcelo se recusava a sentar para fazer atividade, ainda não era presente uma cuidadora exclusiva, então ele ainda não tinha cem por cento de dedicação e atenção que lhe é necessário, pois a professora juntamente com uma estagiária, têm 24 alunos para auxiliar. Quando a cuidadora chegou, a priori ela observou como se dava o cotidiano escolar para assim, intervir com as metodologias de inclusão necessárias.

[...] para que a criança autista participe mais ativamente das interações que permeiam a rotina escolar, é preciso que a professora antes de tudo observe, para assim adotar estratégias que favoreçam a interação social e, sobretudo, os comportamentos de iniciativa. (LEMOS; SALOMÃO; RAMOS, 1994.)

Ele se isolava bastante dos demais colegas de turma, sendo esta uma das características fortes do autismo, (CUNHA, 2015). Passava maior parte do tempo deitado, não sentava na roda no momento de entretenimento com os demais colegas, entre outras coisas, pois não possuía atenção exclusiva. Na Escola Alvarez da Cruz, a presença de uma acompanhante não é uma regra para todas as crianças de inclusão. É avaliado cada caso. Entre os alunos com TEA,

por exemplo, existem os são autônomos e independentes, dispensando a presença constante de uma auxiliar.

Marcelo tem apresentado resultados positivos, tendo em vista o estímulo que recebe na sala comum pela professora e pela cuidadora, na sala de recursos pela professora. A família do aluno é totalmente presente, acompanhando como acontece a inclusão de Marcelo na instituição, se tem gerado resultados, quais são esses resultados, como está sendo o desenvolvimento do aluno compreendendo suas limitações, tendo assim um trabalho conjunto da escola, família e a psicopedagoga que o atende em domicílio.

[...] a participação da família é de suma importância no movimento da inclusão. Seja de forma individualizada ou por meio de suas organizações, é imprescindível a sua participação para que a continuidade da luta por sociedades mais justas para seus filhos seja garantida. É importante sua participação, pois a família irá exercer sua cidadania e funcionará como um veículo por meio do qual seus filhos possam aprender a ser. (SANTOS, 1999, p. 78)

No momento da chegada, ele passou a demonstrar autonomia em colocar sua mochila onde está sua foto e algumas vezes passou a aceitar a tirar e guardar o material na mochila. Mostrou-se mais interessado pelas imagens expostas, como o alfabeto, as placas de rotina e os cartazes, passou a aceitar colocar a ficha do seu nome no porta fichas. Mostrou autonomia ao usar o banheiro e lavar as mãos. Ainda se mostra resistente nas realizações de algumas atividades propostas, principalmente as que usam giz de cera, todavia já aderiu a algumas atividades com giz de cera como contorno de formas geométricas.

Os resultados positivos de Marcelo são tão significativos, que são notados pelos próprios coleguinhas de turma, vez ou outra alguns comentam “o Marcelo conseguiu fazer a tarefa! Parabéns, Marcelo!” é um motivo de alegria para todos e todas. A parte de socialização do Marcelo, tem melhorado consideravelmente, por gostar de sentir texturas, percebe a presença de um colega específico de sua turma e gosta de mexer nos seus cabelos, esse contato o arranca inúmeros

sorrisos. No início, seu colega estranhava e não permitia contato, mas depois que foi explicado pelas professoras que era um gesto de carinho, ele cedeu, logo os dois vivem juntos com Marcelo fazendo carinho no cabelo do seu colega. Outro fato interessante é que há outra criança com autismo na turma, e a professora da sala de recursos aproveita isso os colocando para aprender a brincar juntos, dividir o brinquedo, jogar juntos no PlayTable, o que Marcelo não permitia logo de início.

O vínculo é o elemento dinamizador da aprendizagem e abrange todas as dimensões do desenvolvimento humano. O vínculo positivo é essencial, porque faculta ao educador manter um elo afetivo com os educandos, aproximando-se deles, até chegarem a um verdadeiro entendimento educacional. (BOSA E GOLDBERG, 2007).



Método de estimulação de reconhecimento de cores
Fonte: Tarcila Virtuozo

Marcelo utiliza das diferentes linguagens da arte para expressar emoções e sentimentos, se interessa pela experimentação das diversas técnicas de arte, apresenta curiosidade e interesse, está conhecendo seu corpo como fonte de sensação, expressão e interação, tem interesse pela natureza, observa e realiza misturas, participa da roda de biblioteca, é curioso, expressa seu pensamento por meio de ações, observa semelhanças e diferenças entre objetos, descalça-se, tem facilidade em atividades de encaixe, desenha, pinta, rasga, cola, constrói, empilha e tem equilíbrio corporal, consegue comunicar o que deseja, expressa carinho, possui desenvolvimento da coordenação motora geral e fina adequada à idade, empresta seu brinquedo, vai sozinho ao banheiro, respeita o lanche dos outros, não necessita de estímulo para lanchar.

Tendo em vista que a educação é para todos, a escola tem a necessidade de se adaptar ao aluno e não o aluno à escola. A sociedade é algo ainda tão padronizado que acaba deturpando o que foge do padrão, algumas vezes, involuntariamente. Portanto, é preciso estar atento, para que haja de fato inclusão, é necessário a via de mão dupla entre sociedade e escola.

Há na educação inclusiva a introdução de outro olhar. Uma maneira nova de se ver, ver os outros e ver a educação. Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada com base no entendimento de que é ela que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros. Assim sendo, inclusão significa a modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer sua cidadania. (RODRIGUES, 2006, p. 167)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser professor, é uma das profissões mais nobres que existe, pois é através dela que toda a base de uma sociedade é formada. Quando não se é praticada a inclusão no âmbito escolar, o primeiro lugar que o indivíduo frequenta sem

nenhum vínculo parental, ele não é ensinado a conviver harmoniosamente com o que é considerado diferente, não é ensinado a respeitar as limitações alheias e ajudar ao próximo.

A inclusão, é importante tanto para a criança autista quanto para todos da instituição escolar, pois essa vivência além de proporcionar o conhecimento que é de direito ao autista, muda todas as pessoas ao redor em várias concepções, pois nada tem que ser feito por caridade, é questão de direitos, é questão da lei.

Incluir vai além de colocar o aluno com autismo dentro do ambiente escolar, é também adequar este mesmo ambiente de acordo com as necessidades do aluno, afim de construir um conhecimento no tempo da criança. O processo de ensino e aprendizagem é rico, tanto para o aluno quanto para o professor, pois aí há uma troca de conhecimento entre ambos.

Este trabalho tem grande relevância para a comunidade levando em consideração a importância da criatividade com objetos de fácil acesso para gerar os estímulos, métodos que contribuem para um rendimento escolar da criança com autismo sem torna-lo diferente das outras crianças, e para melhor compreensão de como pode se dar o desenvolvimento de uma criança com TEA, que por mais que uma majoritária parte das pessoas não acredite nisso pelo grau ser de extrema severidade, é possível e gratificante.

É de suma importância intensificar o empenho como profissional da educação para atender as individualidades dos seus alunos com a finalidade de promover a autonomia e independência em seu desenvolvimento cognitivo e em suas habilidades do cotidiano, uma vez que o autista está na escola também para aprender, não apenas para socializar.

Concluindo a discussão, é notório que o processo de inclusão acontece de forma satisfatória na instituição, todavia sempre há algo para melhorar, criar e inovar, levando em consideração que há diversos graus de autismo, cada

indivíduo carece de cuidados, metodologias e atenção individuais adequados aos mesmos.

REFERÊNCIAS

BOSA, C.A. & GOLDBERG, K. (orgs.). **A educabilidade de sujeitos com autismo: mitos e controvérsias**. Necessidades educativas especiais. Erechim: edifapes, 2007, pp. 75-83

BOSA, Cleonice; BAPTISTA, Claudio Roberto; **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. 1. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CORREIA, M. da C. B. **A observação participante enquanto técnica de investigação**. *Pensar Enfermagem*, v. 13, n. 2, 2º semestre de 2009.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Psicopedagogia e práticas educacionais na escola e na família**. 6 Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

GIUSTI, Elisabete. **PROMPT: esclarecendo as principais dúvidas**. Disponível em: <<https://apraxiabrasil.org/2016/01/23/prompt/>>. Acesso em: 18 set. 2018.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádya Maria Ribeiro; RAMOS, Cibele Shírley Agripino. **“Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar”**; *Revista Brasileira de Educação Especial*; volume 20, ano 1, Marília, Jan./Mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382014000100009&lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2018.

MANTOAN, Maria. Teresa. E. **Inclusão social: o que é? por quê? como fazer?** (Coleção cotidiano escolar). Ed. Moderna, São Paulo, 2003, pp. 12-20.

RODRIGUES, David. **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. 1. Ed. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENCER, Eric. **A Criança Autista: Um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O todo é igual a cada uma das partes.** In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 1999, pp. 52-53.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão:** Um guia para educadores. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.